



**Título:** LUGAR E ESPAÇO: alguns olhares

**Autora:** Izabel Cristina da Rosa Gomes dos Santos

**Orientadora:** Maria Izabel de Bortoli Hentz

**Escola:** Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade (CEMIA)

**Professor da turma:** Karla Parmigiani Pereira

**Ano:** 5º ano EJA (2011)

**Contextualização do projeto:** O tema “Lugar e espaço” foi escolhido a fim de que os estudantes pudessem pensar sobre o lugar que ocupam na cidade e na instituição, ser capazes de interagir com o outro, refletir sobre si e sobre a língua. Foram desenvolvidas atividades com diferentes práticas de uso da língua em torno do tema escolhido, uma visita ao Museu Histórico Municipal de São José/SC e, como produção final do processo de ensino e aprendizagem, a escrita de uma memória literária para compor a instalação feita na sala de aula sobre o tema.

**Cronograma:** Para se ter uma ideia do conjunto das ações desenvolvidas ao longo do projeto de docência, apresenta-se, na sequência, o cronograma de atividades.

Aulas	H/A	Conhecimentos trabalhados
1	3	Lugar e espaço: reconhecimento de identidades.

2	2	Identidades e lugares.
3	3	Identidades, lugares e espaços da cidade.
4	2	Memórias literárias: a construção de lugares e espaços.

**Tema referência:** O lugar que os estudantes da 5ª série/EJA ocupam na instituição e na cidade.

**Eixo organizador do ensino:** escrita e reescrita de memórias literárias; o trabalho com a leitura através de materiais selecionados sobre o tema; e o exercício da oralidade a partir das discussões realizadas em aula.

**Objetivos:** Conhecer a cidade e o lugar ocupado pelos estudantes da EJA na cidade de São José a fim de ampliar a capacidade de interagir com o outro, refletir sobre si e sobre a própria linguagem como instrumento de soberania social.

*Com relação à leitura:* Ler, com autonomia, poemas, letras de música e textos de outros gêneros literários e utilizar algumas estratégias de leitura, tais como: localizar informações, identificar as principais ideias e grifar o texto.

*No que se refere ao ensino da escrita:* Produzir um texto escrito do gênero memórias literárias, considerando os aspectos discursivos e linguísticos relativos ao gênero, as convenções da escrita relacionadas às regularidades ortográficas do sistema linguístico e gráficas do texto.

*No que tange à oralidade:* Participar de situações de intercâmbio oral, emitindo comentários pertinentes aos temas tratados.

**Metodologia:** Na sequência, apresenta-se aula a aula como pode ser desenvolvido este projeto. Nas notas, destaca-se o que foi específico da experiência vivenciada.

### **Aula 1 (3h/a)**

Antes do início da aula, montar uma instalação com fotografias de espaços da escola a serem visitados no decorrer da aula, poemas, letras de música e outros materiais que façam

sentido dentro do tema, ou seja, que se refiram a lugares e espaços, incluindo os que serão trabalhados nesta aula.

No início da aula, apresentar o projeto de docência aos estudantes: “LUGAR E ESPAÇO: alguns olhares”.

Iniciar uma discussão sobre de onde viemos, família, lugar... O que conhecemos de verdade? Conversar sobre as identidades da sala, com os questionamentos:

- “Somente o documento revela o que/quem somos?”

- “Nossas histórias são contadas?”

Diante da conversa, estabelecer uma relação com o “Museu virtual da pessoa”<sup>1</sup> e argumentar sobre o quanto nossas histórias também são importantes na construção da comunidade, da instituição escolar e do país.

Distribuir, através de um pequeno baú, a frase: “Cada pessoa traz uma fotografia de sua cidade na memória” e conversar a respeito do que conhecemos (ou não) na cidade em que moramos.

Apresentar o documentário "Paisagem Urbana - Um Olhar Sobre a Ilha", realizado pelo cineasta catarinense Pedro MC. (16min).<sup>2</sup>

Apresentar (ler e ouvir) a música: “Do lado de cá”<sup>3</sup>.

Ampliar a discussão sobre a que lugar pode se referir a letra da música, e sobre qual pode ser o lugar na nossa interpretação (casa, escola, rua, bairro, país).

Convidar os alunos para analisarem a instalação, montada previamente no fundo da sala, conforme indicado acima. Perguntar aos alunos se sabem o que é uma instalação, falar das diferenças entre mural ou painel, da possibilidade de a arte ser interativa, das diferentes interpretações.

Depois dessa análise, iniciar a visita aos espaços da escola que estão representados nas imagens dispostas na instalação. Descobri-los em seus detalhes, no cotidiano da instituição.

Voltar para a sala e iniciar a dinâmica “o que há no baú”, que consiste em rodar entre os estudantes um pequeno baú (vazio). Ao abrir, cada estudante precisa dizer três coisas que têm na instituição educativa. Enquanto falam, escrever no quadro as palavras que as representam.

---

<sup>1</sup> O link de acesso ao Museu Virtual da Pessoa disponibilizado no relatório não está mais disponível.

<sup>2</sup> O link de acesso ao documentário apresentado no relatório não está mais disponível.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://youtu.be/JOIKMX2LLHg>. Acesso em 22.06.2022.

Iniciar uma conversa sobre como foi descobrir o lugar que convivem diariamente, quais dificuldades, quais impressões.

Solicitar a produção de um texto, em primeira pessoa, sobre o que cada um tem a dizer sobre o lugar que ocupa (a escola ou na escola). Indicar as palavras no quadro resultantes da dinâmica do baú, feita anteriormente.

Após o término da produção, recolher para posterior correção.

Combinar com a turma sobre a permanência da instalação na sala para que os alunos faltantes possam também participar da situação de aprendizagem proposta.

Finalizar com a leitura do poema “O menino que ganhou um rio” de Manoel de Barros<sup>4</sup>.

Distribuir, para leitura fruição, trechos do livro “Por parte de pai” de Bartolomeu Campos de Queirós (anexo 1).

## **Aula 2 (2h/a)**

Retomar a discussão sobre a descoberta do espaço da instituição e verificar se os faltantes dispuseram-se a realizar a atividade proposta no dia anterior.

Abordar, no quadro, as possíveis dificuldades manifestadas na produção textual da aula anterior. Em seguida, propor a reescrita do texto elaborado na aula anterior, considerando as experiências posteriores de análise das imagens e da visita aos espaços representados nas imagens.

Se for o caso, propor a produção paralela para os alunos faltantes, fazendo atendimento individualizado, considerando cada estudante em seu tempo de escrita.

Retomar a discussão sobre identidades feita na aula anterior, indicar a atividade com o documento de identidade (anexo 2). A proposta é fazer uma produção escrita a partir do preenchimento de um modelo de documento de identidade, ou seja, escrever sobre quem é a pessoa identificada no documento.

Após o término da produção, recolher para posterior correção.

Apresentar aos alunos a proposta de uma visita-estudo na próxima aula<sup>5</sup>, entregando a eles o convite explicativo<sup>6</sup>.

Solicitar que os alunos tragam para a próxima aula um objeto que tenha relação com sua história pessoal.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.tudoopoema.com.br/manoel-de-barros-o-menino-que-ganhou-um-rio/>. Acesso em 24.06.2021.

<sup>5</sup> No caso deste projeto, foi viabilizada uma visita ao Museu Histórico Municipal de São José/SC.

<sup>6</sup> No anexo 3 é possível conferir o convite produzido pela estagiária.

Entregar para leitura fruição o texto “Os brinquedos da turma” de Eliardo França<sup>7</sup>.

### **Aula 3 (3h/a)**

Aula destinada à visita-estudo da 5ª série/EJA ao Museu Histórico Municipal de São José/SC, que intencionava estabelecer relações entre os espaços da cidade (conhecidos ou não) e o lugar que ocupamos nessa sociedade. Entender o espaço museu como algo público que contém um pouco da memória de cada um dos moradores do lugar.

Retomar o conceito de memória explicado no convite entregue na aula anterior.

Buscar, durante a visita, contribuir para que os estudantes conheçam elementos da memória açoriana, bem como o centro histórico da cidade.

### **Aula 4 (2h/a)**

Conversar com os alunos sobre a visita ao museu, através de imagens/fotografias e de questionamentos quanto ao acervo e sobre as impressões da visita-estudo.

Fazer a leitura do texto “A chegada”<sup>8</sup>, o qual apresenta a memória da estagiária sobre o primeiro dia do estágio de observação.

Retomar o conteúdo trabalhado nas últimas aulas.

Estabelecer a relação entre os textos produzidos com textos de memórias literárias e com as nossas próprias histórias. Entregar o texto “ O tico-tico voador”(anexo 4)<sup>9</sup> e convidar alguém para ler.

Analisar o gênero de texto apresentado e o que produzimos até agora.

Distribuir para leitura fruição, o texto “Manoel por Manoel”(anexo 5)<sup>10</sup>.

Propor que escrevam um texto do gênero memórias literárias, para integrar a instalação “lugares e espaços”, a qual iniciou as discussões sobre lugar e espaço, quando da primeira aula do projeto de docência. Distribuir folhas pautadas para a escrita do texto de memória literária.

Recolher as produções para correção e reescrita.

Agradecer e finalizar o projeto com a música “Dois mundos” de Ed Motta.

### **Anexos**

#### **Anexo 1 - *Por parte de pai***

---

<sup>7</sup> Disponível em:

<http://www.lector.com/Portal/FlipEx/FlipEx.aspx?uId=4UNoc7A0niI%3d&pId=Q27uJq806Zs%3d>. Acesso em 07.10.2021.

<sup>8</sup> Esse texto foi produzido pela estagiária, porém não estava incluso nos anexos do relatório final de estágio.

<sup>9</sup> Esse texto não é facilmente encontrado na internet e, por essa razão, foi incluído no anexo 4.

<sup>10</sup> Esse texto não é facilmente encontrado na internet e, por essa razão, foi incluído no anexo 5.

## POR PARTE DE PAI

Em casa de mau pai, todas as noites, eu resmungava pedindo água. Era uma sede com hora marcada, minha mãe já não se movia muito, entre dores, passava as noites em claro, controlando gemidos. Meu pai se levantava e ia até minha cama. Fechava a mão em forma de copo, levantava a minha cabeça com a outra, e fazia gute, gute. Eu bebia sua mentira e dormia feliz. Não, meu pai não economizava água. Ele era mão-aberta e nunca chegava, agora em raras viagens, sem pequenos presentes. Ele os esquecia sobre a mesa e ficava distraído, esperando elogios.

Engraçado, na casa do meu avô eu não sentia sede, nem de madrugada, quando os galos me acordavam junto com a manhã e eu ficava esperando o cheiro do café me tirar da cama. No meio da noite, se a tempestade rompia o silêncio do escuro, meu avô vinha até meu quarto. Abria a porta de manso, para verificar se a chuva do vento não estava entrando na janela, e benzia meus sonhos. Então, com a mão muito branda arrumava meus lençóis e deixava um recado em minha testa, uma certa benção leve como os gatos. Também meu avô era econômico nos carinhos e tímido nos gestos. Nessa hora, quando os raios esfaqueavam o resto da noite, enrolado em meus pensamentos eu me esforçava para perdoar meu avô por não amar gatos.

## POR PARTE DE PAI

Minha cama ficava no fundo do quarto. Pelas frestas da janela soprava um vento resmungando, cochichando, esfriando meus pensamentos, anunciando fantasmas. As roupas, dependuradas em cabides na parede, se transfiguravam em monstros e sombras. Deitado, enrolado, parado imóvel, eu lia recado em cada mancha, em cada dobra, em cada sinal. O barulho do colchão de palha arranhava. O escuro apertava minha garganta, roubava meu ar. O fio da luz terminava amarrado na cabeceira do catre. O medo assim maior do que o quarto me levava a apertar a péra de galalite e acender a luz, enfeitada com papel crepom. O claro me devolvia em seus tamanhos verdadeiros. O nariz do monstro era o cabo do guarda-chuva, o rabo do demônio o cinto do meu avô, o gigante a capa "ideal" cinza para os dias de chuva e frio. Então, procurava distrair meu pavor decifrando os escritos na parede, no canto da cama, tão perto de mim. Mas era minha a dificuldade de acomodar as coisas dentro de mim, sobrava sempre um pedaço...

**Território da aula de português**

Escola: \_\_\_\_\_

**Turma:**  
**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

ASSINATURA DO TITULAR

**CARTEIRA DE IDENTIDADE**

THOMAS GREI & SOBR

**Não é válido como documento**

REGISTRO GERAL \_\_\_\_\_ DATA DE EXPEDIÇÃO \_\_\_\_\_

NOME \_\_\_\_\_

FILIAÇÃO \_\_\_\_\_

NATURALIDADE \_\_\_\_\_ DATA DE NASCIMENTO \_\_\_\_\_

ENDEREÇO \_\_\_\_\_

CPF \_\_\_\_\_

ASSINATURA DO DIRETOR

**LEI Nº 7.116 DE 29/08/86**

Anexo 3 - Convite para a visita-estudo

## CONVITE PARA 5ª SÉRIE/EJA

Visita-estudo:

### MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ/SC



Local: Rua Gaspar Neves, 3175 –  
Centro Histórico de São José/SC.

**SUA PRESENÇA É  
MUITO IMPORTANTE!**

#### A VISITA-ESTUDO:

**QUANDO:** 11/10/11

**SAÍDA:** COLÉGIO BARREIRÃO

**HORÁRIO:** 18h-50

#### O QUE LEVAR:

- autorização de saída da escola (para menores de idade)
- caderno, caneta e um objeto pessoal que tenha relação com sua história pessoal.

#### O MUSEU:

Casario construído por volta de 1772 é um marco arquitetônico. Único prédio intacto em sua construção original. O prédio já abrigou a Guarda Nacional, serviu de residência e Escola Militar. Atualmente abriga no andar superior o **Museu Histórico Municipal de São José** e no andar inferior a **Biblioteca Pública** do município. Seu acervo é diversificado e conta com coleções de porcelanas, armamentos, mobiliários e instrumentos musicais.

#### VOCÊ SABIA?

Museu vem da palavra *Museum* em latim e significa casa ou templo das musas, filhas de Zeus e *Mnemosine* (a deusa da memória). As nove filhas de *Mnemosine* eram:

CLIO (história),

EUTERPE (música),

TALIA (comédia),

MELPÔMEIE (tragédia),

TERPSÍCORE (dança),

ERATO (poesia amorosa),

POLÍLIA (poesia lírica),

URÂNIA (astronomia) e

CALÍOPE (poesia heróica).



## O TICO-TICO VOADOR

Ele era amarelo, tinha tons de vermelho nas laterais e de tão forte parecia ser feito de ferro. Já havia visitado muitos lugares e estava sempre disposto a novos desafios e éramos inseparáveis. Eu sempre acreditei que ele voava. Isso porque Chico, meu irmão e grande herói da infância, me fez acreditar que o melhor da vida é sentir o cabelo ao vento, o friozinho na barriga e isso era voar.

Na casa de madeira, também amarela, havia uma rampa que dava na lateral da cozinha e era ali, enquanto sentia o cheiro do feijão cozinhando, que eu e meu irmão treinávamos os vôos do tico-tico. Confesso que eu queria ir sempre mais longe e meu sonho era descer a rampa para prolongar a sensação pura e simples da liberdade. Ele, aos poucos, largava (eu e o tico-tico) e segurava-nos na metade da rampa. Sempre achei que o tico-tico, assim como eu, precisávamos de mais espaço, de mais rampa, de mais vôos. Desejávamos voar.

Um dia, pois sempre tem um dia, resolvi voar sem meu irmão. Passei o almoço planejando o vôo, calculei a hora mais apropriada e o tempo de fuga. Busquei o tico-tico, que dormia no porão da casa e subimos cautelosamente pelo lado oposto da casa, cuja escada era enorme. Ficamos a espera da oportunidade perfeita.

Assim que o Chico foi levar ou buscar algo no porão, nos colocamos no alto da rampa. O tico-tico parecia dizer: é agora.

Largamos.

Foi incrível: o vento batendo no rosto, o cabelo solto, as sandálias perdidas no caminho e os pedais girando sozinhos. Ainda sinto a beleza do que é voar e trago na pele uma lembrança desse dia, pois no fim da rampa havia um murinho, no qual deixei cravado meu rosto.

O tico-tico ficou torto, as rodas deixaram de ser redondas e eu fiquei sei "voar" por um bom tempo. O Chico, disse-me há pouco tempo, que quando vi aquele raio amarelo passando pela janela do porão, acreditou que eu voava para outro lado da rua e sem o tico-tico e sei os dentes.

Ainda bem que tinha o muro.



## MANOEL POR MANOEL

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto.

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um lado orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.